

A questão é saber: quem realmente internacionaliza a Amazônia?

José Lutzenberger*

Nos tempos do colonialismo clássico, os colonizadores, com força militar, conquistavam território alheio e ali instalavam seus governos: um governador executando ordens da matriz e uma administração pública constituída de cidadãos da matriz nos primeiros escalões e de nativos nos últimos. O centro colonial mandava, o povo local pagava. Os colonizadores se apresentavam como civilizadores ou cristianizadores, impunham sua língua e parte de seus costumes, desmoralizavam e desestruturavam as culturas locais, especialmente as culturas camponesas e as estruturas sociais tribais. Impunha, então, grandes monoculturas de exportação, tais como café, algodão, chá, cacau, cana, banana, essências e outras. O colapso das culturas camponesas de sabedoria milenar, ecologicamente adaptadas, e o desmoronamento das estruturas sociais significavam a marginalização de massas humanas. Surgia, assim, a mão-de-obra barata necessária à exploração das grandes lavouras e dos recursos naturais. Os colonizadores tinham total liberdade de exploração. A situação era clara e transparente.



O neocolonialismo moderno trabalha de maneira bem mais sutil e opaca. Uma vez, um africano me dizia: "No tempo da Colômbia as coisas eram simples, eu conhecia meus inimigos e parasitas pela cor da pele e pelo acento, hoje meus piores exploradores têm a minha pele e falam o meu dialeto".

Seria antieconômico, hoje, e frustrante conquistar e instalar governo próprio. Este é um aspecto fundamental que os vociferantes demagogos da "internacionalização da Amazônia" ainda não conseguem captar, talvez por estarem, mesmo inconscientemente, a serviço do neocolonialismo.

Ao defenderem mais "desenvolvimento", sem definir exatamente este termo, pedindo ocupação de "vazios demográficos", mineração, barragens, exportação de toras, etc., desrespeito às terras indígenas, estão ajudando ao chamado "Primeiro Mundo" ter acesso, a preços vis, sempre mais baixos, aos recursos da Amazônia, à custa das populações locais e da Natureza.

Por que será, para citar apenas um exemplo muito relevante, que um cafeicultor brasileiro ou africano tem que entregar hoje vários sacas de café para comprar o que na década de 30 e mesmo nos anos 40 comprava com uma só? Por que baixam os preços das matérias-primas e sobem sempre mais os preços dos produtos industrializados?

Se quisermos entender essa evolução, teremos que partir para uma visão holística, teremos que olhar o quadro geral, mundial. Uma visão reducionista, que leva em conta alguns aspectos apenas de um problema, não nos permite ver o funcionamento sistêmico do todo. Não adianta olhar Tucuruí e não ver Carajás, não ver o absurdo esbanjamento de alumínio e energia no Primeiro Mundo, não ver quem realmente paga a conta e quem usufrui.

Tucuruí custou ao povo brasileiro um endividamento de US\$ 6,5 bilhões

que, pelos juros acrescidos, já deve ultrapassar os US\$ 10 bilhões. A barragem inundou, sem aproveitamento sequer da madeira, 2 mil quilômetros quadrados de floresta pristina. Houve os que embolsaram grandes somas para retirar, antes da inundação, a madeira aproveitável. Nada fizeram, até hoje não foram punidos. Verifica-se agora que, possivelmente, morrerão mais uns mil quilômetros quadrados de floresta, pelo elevamento do nível freático, possivelmente 2 mil. A alta carga orgânica na água pelo apodrecimento das árvores submersas propicia hoje uma horrível praga de mosquitos que martiriza as populações contíguas, a ponto de já se pensar em trasladar povoados inteiros. Quem pagará os custos e o sofrimento? Se forem aplicados inseticidas serão incalculáveis os estragos ecológicos e sanitários.

Antes do fechamento da barragem foram expulsas de suas terras ancestrais duas tribos indígenas. Para essa pobre gente esse tipo de tratamento significa quase sempre genocídio físico ou cultural. E como tiraram os caboclos? Muito simples. Seletivamente, com injeção de herbicida (Tordon) foram destruídas as castanheiras e as seringueiras que eram o principal sustento deles. Foram embora sem indenização. Em sua cultura não existe documento de propriedade da terra.

Outro sério desastre, até hoje pouco esclarecido, pois, na época, houve supressão de informação, é o que resultou da aplicação do mesmo herbicida ao longo das linhas de alta-tensão. Houve vazamentos, abandono e perda de produto na floresta e as queimadas na vegetação seca devem ter introduzido concentrações apreciáveis de dioxina no ambiente. Isso ocasionou abortos, nascimento de crianças gravemente deformadas, mortes de gente e de gado.

Todos esses estragos e desastres, de um lado, foram socializados. Quem, do outro, são os beneficiados? A quem serve essa hidrelétrica?

A energia gerada é entregue a grandes usinas produtoras de alumínio que a recebem abaixo do preço de custo de produção. Quer dizer que, além da dívida oriunda da construção da usina, da compra das turbinas etc., acrescida dos juros que crescem incessantemente, o povo brasileiro continuará subvencionando indefinidamente essa hidrelétrica.

E por que esse subsídio? Para que o alumínio possa ser exportado a preços de mercado mundial. E por que estão baixos os preços do alumínio, se sua produção é extremamente custosa em termos de energia elétrica, em termos de impacto ambiental e desestruturação social? Exatamente porque proliferam no Terceiro Mundo esquemas como esse de Tucuruí/Carajás. E já estamos a fim de permitir a instalação de ainda mais usinas de alumínio na Amazônia. O preço do alumínio cairá ainda mais.

Além dos estragos causados pela barragem, temos estragos igualmente graves ou piores na mineração: montanhas são demolidas, rios totalmente poluídos; no contexto geral da mineração da bauxita e do minério de ferro surgiram condições de abertura e exploração de selva que levaram à devastação de cerca de 100 mil quilômetros quadrados de floresta.

Vejam os agora o quadro completo. É claro que hou-

ve decisões erradas, perniciosas, de nosso lado. Mas as decisões do outro lado foram muito certas — para aquele lado! Um excelente investimento para o Primeiro Mundo que assim obteve acesso a nossas matérias-primas a preços de banana, sem ter que se preocupar com os estragos sociais e ambientais. Pode até acusar-nos de nossa irresponsabilidade.

Em suma, o Primeiro Mundo investiu num esquema que lhe garante acesso barato a nossos recursos e nós pagamos todos os custos — sociais, ambientais e financeiros. Até aquela parte, sempre considerável, dos dinheiros envolvidos na costureira corrupção acaba em contas bancárias no Primeiro Mundo,

pode ser reciclada em esquemas semelhantes.

E ainda há os que acham que aqueles que cobiçam nossos recursos minerais estariam pensando em ocupar militarmente nossos territórios. São exatamente eles, os que isto dizem, os que propiciam a satisfação bem mais fácil destas cobiças! Daí que, aos que defendem o que é nosso, do índio, do caboclo, chamam, então, de vendilhões ou traidores da pátria... Esta linguagem de argumentação em cima de inversão de fatos é comparável à que usavam os comunistas durante o auge de seu falecido império.

* Secretário do Meio Ambiente da Presidência da República.